
O que se ensina e o que se aprende em um currículo-museu com gênero?

CLÁUDIO EDUARDO RESENDE ALVES*

Resumo

Este artigo é resultado de uma pesquisa de Pós-Doutorado em Educação realizada na Universidade Federal de Minas Gerais, nos anos de 2019 e 2020, que teve como objetivo investigar as possibilidades do aprender e do ensinar sobre gênero no chamado currículo-museu. Com base nos estudos pós críticos de gênero e currículo, o pesquisador realizou visitas periódicas ao acervo do Centro de Memória do Minas Tênis Clube (Belo Horizonte/MG), munido de seu diário de campo e de uma escuta atenta, em busca de momentos em que as normas de gênero são colocadas em xeque durante as visitas mediadas de docentes e discentes de escolas públicas e privadas. Para a construção do texto, foram selecionados e problematizados quatro (des)objetos museais – entendidos aqui como um exercício discursivo de estranhamento de gênero no museu, quais sejam: troféus, uniformes esportivos, carteiras antigas de sócios/as e fotografias antigas do clube. Os resultados da pesquisa sinalizam que um currículo-museu oportuniza potentes encontros ao produzir deslocamentos na aprendizagem sobre as relações de gênero no museu. Por fim, o estudo aponta a relevância de uma prática curricular ampliada e permeável às diferentes leituras de mundo.

Palavras-chave: currículo; gênero; museu.

* Pós-Doutor em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais (Brasil) e Doutor em Psicologia pela PUC Minas (Brasil) com estágio de doutoramento no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra (Portugal). Gestor de Políticas Públicas da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (Brasil). cadupbh@gmail.com

Abstract

This article is the result of a Post-Doctoral research in Education carried at the Federal University of Minas Gerais, in the years 2019 and 2020, which aimed to investigate the possibilities of learning and teaching about gender in the so-called curriculum-museum. Based on post-critical studies of gender and curriculum, the researcher made periodic visits to the collection of the Memory Center of Minas Tênis Clube (Belo Horizonte/MG) with his field diary and attentive listening, in search of moments when gender norms are put in check during the mediated visits of teachers and students from public and private schools. For the construction of the text, four museum (de)objects were selected and problematized - understood here as a discursive exercise of gender estrangement in the museum, namely: trophies, sports uniforms, old members' wallets and old photographs of the club. The results of the research indicate that a museum-curriculum provides opportunities for powerful encounters by producing shifts in learning about gender relations in the museum. Finally, the study points out the relevance of an expanded curriculum practice, permeable to different readings of the world.

Keywords: curriculum; gender; museum.

1 Introdução

À luz dos estudos pós-críticos, um currículo pode ser entendido como um “ artefato cultural que ensina, educa e produz sujeitos, que está em muitos espaços” (PARAÍSO, 2019, p. 147). Como uma produção da cultura humana sempre em processo e (re) construção, o currículo acontece em diferentes territórios além dos muros da escola. Dentre os múltiplos espaços curriculares, este artigo destaca o museu, ao produzir movimentos e conexões por meio da interrogação e da investigação com outras culturas, outros sujeitos, outras histórias e outros tempos.

Qual é a concepção de gênero apresentada pelos espaços museais? O que está tão naturalizado nos acervos que ninguém

mais percebe? E o que escapa? Como um currículo-museu pode produzir deslocamentos na abordagem das relações de gênero? Tais provocações de gênero e currículo foram utilizadas como norteadoras na pesquisa realizada em diferentes museus da capital mineira, durante as interpelações e indagações feitas com os/as visitantes do espaço museal e a equipe do setor educativo.

Para a escrita deste texto, foi realizado um recorte da investigação, tendo como *lócus* o acervo do Centro de Memória do Minas Tênis Clube, um importante espaço museal da cidade de Belo Horizonte/MG. A escolha do espaço foi decorrente do Programa Institucional Circuito de Museus da Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte (ALVES; SOUZA, 2017) que desenvolve atividades formativas temáticas sobre raça, gênero, arte, história, esporte, lazer e ciência com professores/as e estudantes em diversos espaços museais da cidade.

Entre os anos de 2019 e de 2020, o pesquisador imbuído de seu diário de campo, seu olhar desejante, curioso e investigativo de gênero realizou sete visitas ao espaço museal do Centro de Memória do Minas Tênis Clube. Além do diário de campo, a metodologia da observação participante propiciou a imersão crítica e reflexiva no espaço, bem como possibilitou a interação com o público que o frequentava. O argumento desenvolvido é de que encontros interativos realizados no museu podem produzir afetamentos e evidenciar potências no aprender, articulando gênero, museu e currículo. A intenção é repensar o museu como uma experiência possível, viva e em movimento (ALVES, 2018), produzindo desvios nas práticas e nos discursos de gênero produzidos e reiterados no e pelo museu.

Além dessa introdução, o artigo está organizado em mais quatro seções: **Currículo, museu e gênero: diálogos possíveis**, na qual são desenvolvidos os conceitos de gênero e currículo no atual polêmico contexto político da educação brasileira; em seguida, a seção **(Des)objetos e letramento museal: intervenções teóricas**

e metodológicas apresenta a metodologia investigativa utilizada a partir dos chamados (des)objetos museais como um exercício discursivo de estranhamento de gênero no museu; na sequência, na seção **Encontros no Centro de Memória do Minas Tênis Clube: experimentações com (des)objetos**, o espaço museal em foco é contextualizado, bem como são problematizados à luz das teorias de gênero quatro (des)objetos museais do acervo – troféus, uniformes esportivos, carteiras antigas de sócios/as e fotografias antigas do Minas Tênis Clube. Por fim, nas **Considerações possíveis: em busca de outros caminhos**, é apresentada a sistematização da pesquisa desenvolvida e são apontados desdobramentos possíveis em outros espaços museais.

2 Currículo, museu e gênero: diálogos possíveis

Um espaço museal é concebido como um lugar convidativo para a busca por deslocamentos de gênero em um currículo, afinal museu não é mais considerado lugar de coisa velha e parada no tempo. Sendo um espaço não escolarizado, o museu propicia interações não hierarquizadas de saber com o acervo que podem operar estranhamentos desviantes das normas de gênero no currículo. Em articulação com culturas e histórias, encontros potentes com os acervos permitem estabelecer conexões com suas temporalidades, espacialidades e incertezas. Para tanto, o curador Kaz (2013) nos convida a entrar no museu de corpo inteiro para vivenciar uma imersão sinestésica, rompendo com a lógica de funcionamento formatada de uma escola. Assim, é preciso construir outras lógicas de experimentação de um museu.

Entende-se gênero como uma categoria de análise (SCOTT, 1995) construída por meio de relações de poder e do discurso,

sendo efeito de “ normativas que não só produzem, mas também regulam” (BUTLER, 2020, p. 11) sujeitos e corpos. Gênero como uma linguagem performatizada produz inteligibilidade social e reconhecimento político a partir de normas, instituições, regras e convenções. A instituição escola produz e reproduz normas de gênero que validam certos comportamentos e interditam outros. Um museu também produz normas de gênero, implícita ou explicitamente, ao escolher peças do acervo, construir trajetos de mediação, realizar curadorias e exposições temporárias, selecionar artistas, compor sua equipe profissional, criar atividades educativas e apropriar-se do espaço. Um currículo também é atravessado por normas de gênero, sendo necessário, muitas vezes, subverter e desaprender sobre os universais de gênero evidenciados em muitos territórios, discursos e práticas escolares.

Mas afinal, o que pode um currículo-museu com gênero? Um currículo-museu tem como objetivo a experimentação do museu de forma diferenciada, ensinando e aprendendo sobre gênero a partir de interações com (des)objetos. Um currículo-museu propõe fazer desvios na forma de olhar e conceber mulheres e homens, cisgêneros e transgêneros em diferentes tempos, culturas e espaços, inclusive no currículo. Encontros em um museu produzem deslocamentos e modificações mútuas entre quem observa e quem é observado/a, pois “ são composições do desejo” (DELEUZE; GUATTARI, 2008, p. 78). Para aprender é preciso ter desejo de aprender. Tal desejo reside nos encontros realizados com o outro e com o mundo, encontros que podem aumentar ou diminuir a potência da vida. Uma concepção curricular alargada comporta muitas possibilidades, pois é desejante do impensado na educação, evitando a estrada rotineira e fugindo do caminho pré-determinado. Um currículo-museu com gênero valoriza a multiplicidade nos encontros com o inesperado, mobilizando desejos e sendo mobilizados por eles.

Um currículo-museu com gênero opera por meio de encontros (TADEU, 2002), propondo repensar as práticas institucionalizadas do aprender, ampliar a visão de mundo e visibilizar os chamados “improváveis no currículo” (PARAÍSO; CALDEIRA, 2018, p. 56). A discussão de gênero se tornou um improvável no currículo a partir de 2015, quando emergiram no Brasil e no mundo as ofensivas antigênero que apregoaram o *slogan da ideologia de gênero* (SOUZA, 2018) com base em um significativo moralismo religioso de vigília de práticas escolares. Tais ofensivas produziram retrocessos em muitas políticas públicas educacionais, conquistadas no início do século XXI no Brasil, nos campos de gênero, sexualidade, raça, diversidade e inclusão da pessoa com deficiência. Exemplo disso, é o *Movimento Escola sem Partido* com seus efeitos deletérios na vida política e social (JUNQUEIRA, 2018) que repudia qualquer discussão de gênero e/ou sexualidade na escola brasileira. A educação tem se tornado, assim, num campo de disputa política por determinados grupos religiosos conservadores que veem a questão de gênero como uma suposta ameaça à integridade de crianças e ao modelo heteronormativo e patriarcal de família. O modelo de currículo demandado por tais grupos religiosos expõem ditos, não ditos e interditos morais determinados por uma parcela da sociedade, tornando-o refratário a qualquer modelo de diversidade (ALVES, 2020) na escola.

Nesse cenário político caótico, uma educação de qualidade que se pretenda inclusiva precisa cultivar campos de resistência com foco na equidade de gênero, concebendo um currículo permeável e conectado aos movimentos presentes no cotidiano escolar, um currículo como um território de possibilidades de libertação. Paraíso (2019) sinaliza a importância de “um currículo que circula, percorre, move-se, atravessa vários espaços para ensinar elementos de culturas conflitantes” (PARAÍSO, 2019, p. 147) e, com isso, produzir modos de subjetivação em que a diversidade seja um elemento relevante nos processos de ensino e aprendizagem.

3 (Des)objetos e letramento museal: intervenções teóricas e metodológicas

A astúcia do poeta brasileiro Manoel de Barros (2014) nomeou alguns desobjetos em sua vasta produção literária, como “alicate cremoso, abridor de amanhecer, parafuso de veludo e fivela de prender silêncios” (BARROS, 2014, p. 118). Em sua antologia de poesias, o autor indica que tais desobjetos se situam em um espaço peculiar, um espaço dos indizíveis e dos impensáveis, um espaço entre a poesia e a materialidade, sendo fruto do encontro das subjetividades com objetos. Inspirado pelo poeta, a investigação de um currículo-museu com gênero se apropriou do termo desobjeto e o redimensionou a partir do acervo museal. O ponto de partida foi a mudança na grafia, o acréscimo dos parênteses no termo – (des)objetos – visa incorporar a dimensão do próprio objeto museal num jogo de composição, decomposição e recomposição de (des)objetos. A nomenclatura (des)objeto remete à desformatação do objeto do acervo museal como metodologia de produção de estranhamentos no currículo-museu.

Nesta pesquisa-intervenção, objetos museais foram redimensionados em (des)objetos museais. Devido ao seu caráter inconstante e impermanente, (des)objetos são percebidos em movimento nos encontros interativos com o outro em diferentes territórios. A cada novo encontro uma nova possibilidade de leitura. O potencial disruptivo dos (des)objetos diz respeito ao imprevisível, ao imponderável e ao ingovernável com seus deslocamentos no tempo e espaço. Os encontros dos/as usuários/as, apreciadores/as e visitantes com (des)objetos no museu são operados por meio de afetos, afetando e sendo afetando por e com eles, produzindo presenças, memórias e conhecimentos outros em relação aos

sentidos original e historicamente atribuídos aos artefatos culturais do acervo. Sobre a desconstrução e a não essencialização dos (des)objetos museais, Alves e Paraíso (2021) argumentam que:

A emergência das qualidades de um (des)objeto está na contramão da linha reta, óbvia e insipiente. Com (des)objetos desfazem-se as essências e as identidades dos objetos, assim um currículo-museu aposta nos encontros com o inusitado para tornar-se desejanste de aprender e potencializar suas práticas educativas (ALVES; PARAÍSO, 2021 p . 954).

No campo discursivo de gênero, (des)objetos se apoiam na linguagem como matéria de troca interativa para problematizar lugares, posições de sujeitos e cronologias históricas impregnadas no museu. A linguagem entendida como uma “prática performativa de produção de vida” (PRECIADO, 2020, p. 57) pode ser utilizada para fornecer elementos para conversações, debates, reflexões com (des)objetos de museu. Muitos museus não consideram as relações de gênero em sua constituição do espaço, contudo é possível romper com a uniformidade e propor leituras do acervo de diferentes pontos de vista, em diferentes ordens, sem ponto de partida e sem ponto de chegada, sempre valorizando a travessia (PRECIADO, 2020) e o processo.

Encontros potentes com (des)objetos em um museu demandam uma pedagogia para entrar em ação e colocar em movimento o currículo. A pedagogia do letramento museal (ALVES; SOUZA, 2017) se tornou uma alternativa na busca por compreender as dimensões sociais de um espaço e de seu acervo, considerando suas complexas habilidades linguísticas orientadas por interesses pessoais de aprendizagem, fatores contextuais de aprendizagem formal ou informal (CARVALHO, 2011) que modelam a experimentação de um museu na perspectiva educativa. O letramento museal demanda investimento, interação e produção de sentidos nos encontros com (des)objetos, é uma oportunidade de ocupar

espaços com os quais educadores/as e educandos/as, em geral, não estão familiarizados/as, aprendendo a interagir com o acervo de maneira não convencional, a fim de possibilitar reflexões críticas de mundo. No letramento, os sentidos podem ser criados e recriados a partir de práticas interativas de comunicação com o outro e com o espaço, uma vez que o letramento pode ser pensado como um instrumento de cidadania que promove reflexões críticas com o mundo.

A experiência de letramento museal pode contribuir para que visitantes tomem posse de capital cultural suficiente para a apreciação de produtos culturais complexos, desenvolvendo percepções sobre a fluidez dos museus a partir de fatores contextuais, como história, cultura, política e estética. Além disso, o letramento museal pode propiciar pistas de conexões do acervo com questões cotidianas das vidas dos sujeitos das audiências (CARVALHO, 2011). Vale lembrar que no campo dos estudos pós-críticos de currículo e gênero, o ato de aprender significa o ato de compor, isto é, o momento de conjunção com o outro, sem se preocupar com a mera assimilação ou imitação (TADEU, 2002).

4 Encontros no Centro de Memória do Minas Tênis Clube: experimentações com (des)objetos

Fundado em 1935, o Minas Tênis é um clube socioesportivo tradicional da cidade de Belo Horizonte/MG (Brasil). Historicamente, o Clube se destaca por seu projeto arquitetônico do início do século XX, tombado pelo patrimônio histórico, e por ter abrigado a primeira piscina olímpica da cidade. O Centro de Memória do

Minas Tênis Clube (CMMTC) foi criado em 2007 a partir de peças do acervo histórico composto por medalhas, troféus, uniformes, recortes de jornal e muitas fotografias e vídeos considerados signos e portadores de conhecimentos sobre a história do Clube.

Nesse universo museal permeado pelo esporte, pelo lazer e pela memória, as visitas do pesquisador despertaram a curiosidade da equipe do setor educativo, pois nunca haviam pensado no acervo pela lógica das relações de gênero. Ao longo das visitas realizadas entre o final de 2019 e o início de 2020, o pesquisador fez uma imersão sinestésica entre as inúmeras vitrines com (des)objetos que compõem o acervo. Para este artigo foram selecionados quatro (des)objetos para conversação e composição no museu, são eles: 1. Troféus das categorias feminina e masculina de esportes; 2. Uniformes esportivos de ambos os gêneros; 3. Carteiras antigas de associados/as do Minas Tênis Clube; e 4. Fotografias antigas do público frequentador e das atividades realizadas no Clube. É importante destacar e agradecer o apoio, as trocas de ideias e o compartilhamento de desconfortos de gênero com a equipe do educativo do Centro de Memória do Minas Tênis Clube que tanto contribuíram na investigação.

A seguir são apresentados e problematizados, à luz das teorias pós-críticas de gênero e currículo, quatro (des)objetos museais do Centro de Memória do Minas Tênis Clube. O critério de escolha se baseou na potência dos diálogos, dos questionamentos e das curiosidades surgidas nas interações com o público visitante do espaço.

4.1 (Des)objeto Troféu

Este (des)objeto chamou a atenção de imediato pela volumosa quantidade exibida em grandes vitrines. Os troféus estão organizados cronologicamente de 1940 a 1990, sendo possível sinalizar, após breve análise das iconografias no topo dos troféus, que certa concepção generificada está presente. Numa visita de adolescentes de uma escola pública, uma estudante perguntou para a

educadora que mediava o encontro quem era aquela mulher de metal dourado – com uma túnica transparente que realçava as curvas do corpo feminino e que deixava, muitas vezes, os seios desnudos – que ornava quase todos troféus da categoria feminina de esportes. A educadora disse que era a representação da deusa da vitória, ao que a estudante insistiu e questionou: “ Mas por que os troféus da categoria masculina não têm um deus também? A educadora não respondeu a provocação e aproveitou o momento para abrir o debate” (ALVES , 2019a). O relato do diário de campo sinaliza uma brecha para uma ampliação de pensamento, revelando um possível deslocamento de gênero na relação entre os/as visitantes e a apropriação do acervo museal. Pensar o impensável a partir de objetos ordinários de um museu é redimensioná-los em (des)objetos museais.

Após uma conversa posterior com os/as profissionais do setor educativo e algumas breves investigações foi possível descobrir que a iconografia da deusa utilizada nos troféus da categoria feminina se chamava *Nike* que, na Mitologia Grega, personifica a vitória, a velocidade e a força, sendo reconhecida na Mitologia Romana como a deusa *Vitória* (BRANDÃO, 2015). A deusa alada traz nas mãos uma palma e uma coroa de flores como símbolos de sorte, da vitória e do triunfo nos esportes competitivos. Em contrapartida, os troféus da categoria masculina de esportes apresentam no topo reproduções de metal de jogadores executando movimentos, ora jogando futebol, basquete e voleibol, ora nadando ou lutando judô. Mas, qual seria o motivo da diferenciação por gênero nas iconografias dos troféus? Enquanto os homens estão no mundo, em ação, jogando, disputando e lutando entre eles, às mulheres cabe o lugar do etéreo e simbólico, quase angelical, demandando uma espécie de veneração divina. A essa concepção estereotipada do feminino, pode-se acrescentar a representação demasiadamente sensual que emana na imagem da deusa alada seminua no ápice do troféu.

Vale destacar que os únicos troféus que possuem a mulher em ação, no lugar da deusa *Nike*, são os troféus de ginástica olímpica. Ambas as categorias – feminina e masculina – trazem os corpos dos/das atletas como iconografia. Entretanto, percebe-se claramente que os corpos nos troféus masculinos estão vestidos, ainda que as roupas sejam justas, pois é possível ver os limites entre a pele e a roupa nos braços e pernas. Já nos corpos representados nos troféus femininos não é possível perceber qualquer limite, sugerindo que os mesmos estão nus.

O troféu, como um (des)objeto museal, atuou como uma espécie de operador de estranhamentos e deslocamentos do lugar-comum, despertando outras possibilidades de aprender sobre gênero, cultura e história de forma crítica e reflexiva. As conversações em rede estabelecidas naquele momento interativo promoveu o movimento de saberes no processo de ensino e aprendizagem em um museu. A leitura decantada e acostuada do acervo de artefatos culturais de um museu ganhou vida, foi desformatada e ressignificada. Esta é a aposta do letramento museal que aciona o currículo-museu com gênero nos encontros com (des)objetos em diferentes tempos e espaços.

4.2 (Des)objeto Uniforme Esportivo

No campo do esporte, recai sobre o corpo humano um peso significativo, por ele ser uma espécie de dispositivo na realização de práticas competitivas. Corpo em ação, corpo esportivo, corpo atlético. Assim, em busca de outros deslocamentos de gênero no currículo-museu, é impossível não considerar a díade gênero/corpo no campo do esporte. Algumas vitrines do espaço museal exibem uniformes esportivos de diferentes modalidades como voleibol, natação, tênis, judô, ginástica olímpica e ciclismo, bem como fotos e vídeos dos/das atletas durante os jogos. Em outra visita, desta vez com docentes de uma escola privada, um professor levantou uma significativa discussão sobre o uniforme do judô. Por ser um

praticante dessa modalidade esportiva, o professor de Educação Física disse não haver diferenciação entre uniforme feminino e masculino. Ele explicou que o termo *Kimono* é derivado da junção etimológica *ki* que significa vestir e *mono* que significa coisa, ou seja, “uma coisa para vestir, sendo usada por mulheres, homens e crianças” (ALVES, 2019b).

O uniforme do judô está na contramão da maioria das modalidades esportivas em que os uniformes são diferenciados por gênero. Usualmente, os uniformes femininos são ajustados ao corpo e menores, expondo mais a pele, enquanto os uniformes masculinos são mais largos e amplos para facilitar os movimentos. Em uma das vitrines referentes a uniformes dos anos 1990, fica evidente tal diferenciação: “um pequeno *collant* justo ao corpo utilizado por jogadoras de voleibol ao lado de uma camisa grande, larga e folgada utilizada por jogadores de basquete” (ALVES, 2019b). Não se trata aqui de negar as diferenças anatômicas, fisiológicas e metabólicas entre o corpo masculino e feminino, mas de entender as razões pelas quais tais diferenças são convertidas em desigualdades de gênero no universo dos esportes.

Nessa direção, o pesquisador George Vigarello (2008) denuncia a sociedade contemporânea de espetacularização do corpo na qual o corpo de um/uma atleta profissional não lhe pertence, pois seu valor reside em interesses financeiros de uma indústria esportiva que opera pelo mecanismo de fabricação de heróis/heróínas (VIGARELLO, 2008). Historicamente, o autor sinaliza que o esporte foi se tornando objeto de desejo, de muito investimento e cobiça política. Entretanto, patrocinadores/as investem vultuosas somas de dinheiro de forma generificada, sendo que o maior valor é sempre destinado às competições masculinas. Basta pensar na Copa do Mundo masculina e na Copa do Mundo feminina. Qual das duas tem mais investimento, visibilidade e publicidade? Em associação ao universo do esporte como fábrica de heróis/heroínas, os avanços da tecnologia tem contribuído muito na performance

e na remodelagem do corpo do/da atleta (BRETON, 2003). O corpo na contemporaneidade é “e scaneado, purificado, gerado, remanejado, remanufaturado, artificializado, recodificado geneticamente, decomposto e reconstruído ou eliminado” (BRETON, 2003, p. 28), assim as fronteiras do corpo se despedaçam, causando o embaralhamento dos limites éticos, estéticos e políticos corporais.

Sobre a materialidade do corpo, Butler (2020) coloca em xeque certas discursivas que permeiam o campo epistemológico de gênero. A autora questiona “se tudo é discurso, o que acontece com o corpo? Se tudo é linguagem, o que pensar sobre a violência e danos corporais?” (BUTLER, 2020, p. 56). Transpondo para o universo dos esportes, corpos de atletas são submetidos intensamente ao desgaste pelo uso excessivo, ocasionando danos permanentes. A autora indica que ao lidar com gênero é fundamental considerar a performatividade da linguagem, não há dúvida, mas é preciso também considerar os corpos, sua materialidade e sua relevância na produção de modos de subjetivação, ou seja, na constituição de sujeitos. Ao mesmo tempo Butler (2018) aponta que o feminismo elege o corpo da mulher cisgênero como sujeito identitário do movimento social. Então, como pensar outros corpos de mulher – corpos trans e travestis – nas práticas esportivas?

Os/As pesquisadores/as Castro, Garcia e Pereira (2020) analisaram a repercussão na mídia do caso de uma mulher trans atleta que integrou em 2017 e 2018 a Superliga Feminina de Voleibol Brasileira. A polêmica se originou na discussão dos hormônios femininos/masculinos e seus impactos na força e na agilidade da atleta em campo. Os/As autores/as sinalizam que a participação de pessoas trans no mundo do esporte vem ganhando dimensões científicas, sociais e políticas em meio a tempos de polarização política (CASTRO; GARCIA; PEREIRA, 2020) e apontam ser necessário o exercício da reflexão no enfrentamento às posturas discriminatórias no ambiente esportivo.

Além da transfobia, o sexismo e a homofobia também são formas de discriminação disseminadas no esporte. Moura, Stareprav, Rojo, Teixeira e Silva. (2017) analisam a discriminação sofrida por jogadoras de *Rugby* na cidade de Maringá/PR, indicando que algumas modalidades esportivas, especialmente aquelas que tem contato físico e violência, são estigmatizadas como masculinas. A pesquisa realizada evidenciou que as mulheres que jogam *Rugby* são apontadas como lésbicas por desafiarem a regra normativa e generificada no esporte. Elas fazem deslocamentos nas normas de gênero ao burlarem expectativas sociais sobre o comportamento da mulher. Objeto de muitas pesquisas acadêmicas, a “espetacularização da performance feminina, não mais vinculada à preparação para a maternidade como outrora fora” (GOELLNER , 2005, p. 96) sinaliza novos espaços de visibilização da mulher na esfera pública, espaços de expressão, inclusão e liberdade.

Na perspectiva de um currículo-museu com gênero, os uniformes esportivos do acervo foram lidos como (des)objetos museais ao operarem como elementos detonadores de associações e conexões entre gênero, corpo e esporte. Desde a problematização do corpo da mulher e do homem no esporte até os discursos discriminatórios produzidos sobre esses corpos. Essa é a proposta do currículo-museu, alcançar territórios inesperados e se surpreender com os encontros e as composições no museu. Entre encontros, visitas, reflexões e interpelações que produziram surpresas e desconfortos no museu, a caminhada investigativa prosseguiu.

4.3 (Des)objeto Carteira Antiga de Sócio/a:

Uma das vitrines do espaço museal exibe várias carteiras antigas de associados/as do Minas Tênis Clube das décadas 1950 a 1970. Mais uma vez, o encontro com um (des)objeto museal produziu movimentos e acionou questionamentos de gênero. Durante uma visita de estudantes do curso de pedagogia de uma universidade pública, foi possível escutar o seguinte comentário entre as estu-

dantes: “ Olha como as carteiras de homens eram bem maiores do que as carteiras de mulheres [...] e olha o que estava escrito na [carteira] de homem – sócio-proprietário – e na [carteira] de mulheres – dependente. Mulher sempre na sombra do marido!” (ALVES, 2020a). Pode-se acrescentar a esse escopo de interrogação de gênero o fato de estar escrito nas carteiras femininas – carteira familiar ao lado da foto e, nas carteiras masculinas, constar o pronome de tratamento – Senhor ou Doutor. A única semelhança entre as carteiras expostas na vitrine é cor azul-marinho utilizada em ambas. Perante tal assimetria escancarada de gênero, podemos questionar: “ Apenas um homem heterossexual casado tinha o poder de se associar ao clube? Filhas solteiras frequentavam o clube apenas como dependentes do pai? Ou seja, não havia autonomia para a mulher, quando solteira era dependente do pai e uma vez casada tornava-se dependente do marido” (ALVES, 2020a).

A dependência do masculino e a não autonomia feminina inferidas nas interações com o (des)objeto carteira denunciam um silenciamento da mulher como sujeito de direitos. A diferenciação hierárquica de gênero entre as carteiras dos associados e das associadas nos remete a um período da história do Brasil, que perdurou até o final dos anos 1970, em que uma mulher casada não precisava necessariamente ter o documento Cadastro de Pessoa Física (CPF), podendo utilizar o CPF do marido, como dependente. Tais práticas coexistem na contemporaneidade se considerarmos os altos índices de feminicídios no Brasil motivados, muitas vezes, pelo sentimento de posse da mulher pelo marido, namorado, noivo e mesmo pelo pai ou irmão. Segundo o Atlas da Violência contra a Mulher (IPEA, 2019) houve um aumento no número de feminicídios no país da ordem de 7,3% entre os anos de 2018 e 2019, estima-se que 13 mulheres são assassinadas por dia no Brasil. Os dados apontam também a perspectiva interseccional entre gênero, raça e classe social, uma vez que dois terços das mulheres assassinadas são mulheres negras e pobres.

4.4 (Des)objeto Fotografias Antigas do Clube

Além da carteira de sócio/a associado/a diferenciada desigualmente por gênero, outras práticas e regras de caráter sexista e racista vieram a tona em conversas com a equipe do educativo a partir de uma breve leitura de registros fotográficos digitalizados do acervo do Clube. As cerca de 55 fotografias datam do período entre 1950 de 1970, algumas coloridas e outras em preto e branco, e podem ser consideradas como um (des)objeto museal ao despertarem reflexões interseccionadas entre corpo, gênero e raça. Nas fotografias não foi possível encontrar pessoas negras usuárias dos espaços do Clube, apenas como funcionários/as, o que sinaliza um silenciamento de raça. E silenciamento de classe social também, uma vez que o Clube era, e continua sendo, frequentado exclusivamente por pessoas de alto poder aquisitivo.

Até a década de 1970, era proibido o uso de biquíni ou de maiô branco, por revelarem detalhes e siluetas do corpo feminino quando molhado, nas piscinas. Havia um funcionário homem, tido como o “guardião da moral e dos bons costumes da família, que ficava a postos com um roupão nas mãos para, caso necessário, jogar em cima de mulheres com trajes ditos proibidos” (ALVES, 2020b). Qualquer semelhança com os/as guardiões/guardiãs do *slogan* da ideologia de gênero no século XXI que interditam a discussão de gênero e educação nas escolas brasileiras não é mera coincidência.

Além disso, segundo relatos da equipe do educativo havia também “horários diferenciados para uso das piscinas por mulheres e por homens, ficando reservado o horário entre 13 horas e 15 horas para uso exclusivo de moças e mulheres adultas. Os demais horários eram livres para todos os homens, com exceção das crianças que tinham acesso livre em qualquer horário” (ALVES, 2020b). Historicamente, as regras do Clube para uso de certas roupas de banho por mulheres e uso coletivo das piscinas indicam

a normalização e o silenciamento de gênero interseccionado com raça e idade.

As roupas de banho sinalizam um jogo regulatório de ditos e interditos sobre o corpo da mulher. A medida do tamanho da roupa da mulher está diretamente relacionada ao quanto do corpo pode ser mostrado. Segundo Araújo e Leoratto (2013) a “transformação do corpo [da mulher] em algo que pode ser mensurável é, também, sua transformação em algo que pode ser dominado” (ARAÚJO; LEORATTO, 2013, p. 719). A partir das fotografias da época e das conversas com a equipe do espaço museal, pode-se inferir que enquanto as mulheres jovens e adultas eram vigiadas no uso das piscinas, as crianças tinham livre trânsito, uma vez que eram lidas como assexuais e inocentes. Contudo, quando uma menina se tornava “moça” a interdição/silenciamento entrava em ação. No quesito infância e gênero, Preciado (2013) aponta criticamente que a criança é tomada como “um artefato biopolítico que garante a normalização do adulto” (PRECIADO, 2013, p. 2), pois parte-se do entendimento do senso comum de que todas as crianças são naturalmente cisgêneras e heterossexuais. Quanto aos rapazes, segundo as fotografias analisadas, não existiam interditos, nem sanções, o que denuncia o domínio do espaço público vinculado ao exercício do poder masculino (WELZER-LANG, 2001).

O princípio organizador e normalizador das relações de gênero na sociedade segue uma linha reta, estreita e contínua, cabendo a pesquisadores/as, professores/as e estudantes de gênero e currículo, buscar caminhos alternativos, abrir brechas e encontrar passagens secretas e clandestinas para reinventar a vida e, assim, poder “alargar os limites do possível no currículo” (PARAÍSO, 2019, p. 271). Afinal, para aprender é preciso também desaprender! Desaprender práticas sexistas, racistas, homofóbicas e transfóbicas nos processos de aprendizagem que permeiam os territórios de dentro e de fora da escola. Abrir brechas, descobrir trajetórias e

construir possibilidades de aprender em um currículo-museu com o reconhecimento da diversidade e a inclusão das diferenças.

5 Considerações possíveis: em busca de outros caminhos

A pesquisa-intervenção de Pós-Doutorado em Educação realizada no espaço museal do Centro de Memória do Minas Tênis Clube, na cidade de Belo Horizonte, experimentou as possibilidades do aprender e do ensinar sobre gênero em um currículo-museu. Acionado pela pedagogia do letramento museal (ALVES; SOUZA, 2017), o currículo-museu foi operado por meio de encontros e composições (TADEU, 2002) com (des)objetos museais, produzindo diferentes leituras de mundo ao realizar uma bricolagem de saberes como gênero, raça, história, esporte, memória e cultura (PARÁISO, 2019).

A definição de (des)objetos museais, inspirado pelo poeta Barros (2014), se confunde com seu próprio propósito, qual seja, deslocá-los de seus contextos de fabricação e de seus usos originais para engendrar a imaginação, a memória, as experiências, as estranhezas e as redes de conhecimentos e significações de discentes e docentes, da equipe do setor educativo e do próprio pesquisador.

Aliando a metodologia da observação participante do cotidiano dos museus à problematização dos registros do diário de campo, os encontros com (des)objetos museais evidenciaram alguns caminhos possíveis para o debate, como: a generificação das iconografias de troféus esportivos; uniformes esportivos unissex; assimetrias de gênero no tratamento social de mulheres e homens em carteiras de associados/as do clube; e normatizações de uso dos espaços coletivos do clube que revelam concepções sexistas, racistas e homofóbicas. Sem fórmula pré-definida ou manual de

uso, a cada encontro, a cada público e a cada cenário um novo convite para conversar, compor e interpelar os (des)objetos museais sobre as relações de gênero que o atravessam e que nem sempre são óbvias.

Ao tomar o currículo-museu como espaço e tempo de aprendizagens, problematizações e ressignificações, a pesquisa apostou nas redes educativas criadas para além dos muros nas escolas e em como elas se entrecruzam, se alargam, se ampliam, se compõem, se enfrentam e se interrogam mutuamente. A investigação propôs pensar em outros modos de habitar e produzir significações em um museu, engendrando outros sentidos em meio ao que se processa entre visitantes e (des)objetos. A metodologia desenvolvida na investigação pode ser replicada em diversos espaços museais, independentemente da temática de cada espaço. Assim, é possível promover outros encontros e outras composições com (des)objetos de outros museus, de galerias de arte, de centros culturais e de memoriais históricos. Por fim, a intencionalidade pedagógica de um currículo-museu reside em romper com a noção de territórios, burlar normas, quebrar regras, invadir espaços, relativizar tempos e reinventar outras possibilidades nos processos de ensino e aprendizagem sobre as relações de gênero em um museu.

REFERÊNCIAS

ALVES, Cláudio Eduardo Resende; PARAÍSO, Marlucy Alves. Um currículo-museu com gênero: experimentações para produzir (des)objetos. *Revista Currículo sem Fronteiras*, v. 21, n. 2, p. 950-968, maio/ago. 2021.

ALVES, Cláudio Eduardo Resende; SOUZA, Magner Miranda. *Educação para as relações de gênero: eventos de letramento na escola*. Curitiba: CRV, 2017.

ALVES, Cláudio Eduardo Resende. Gênero e educação nos museus: práticas de letramento. In: SILVA, Fernanda *et al.* (Orgs.). *Diálogos da formação docente com diferentes sujeitos e espaços educativos*. Curitiba: CRV, 2018.

ALVES, Cláudio Eduardo Resende. Políticas públicas, gênero e currículo: notas para equidade. *Revista Educação em Questão*, v. 58, n. 58, out/dez, 2020.

ALVES, Cláudio Eduardo Resende. *Notas do diário de campo*. Belo Horizonte, 17 nov. 2019a.

ALVES, Cláudio Eduardo Resende. *Notas do diário de campo*. Belo Horizonte, 8 dez. 2019b.

ALVES, Cláudio Eduardo Resende. *Notas do diário de campo*. Belo Horizonte, 12 jan. 2020a.

ALVES, Cláudio Eduardo Resende. *Notas do diário de campo*. Belo Horizonte, 28 jan. 2020b.

ARAÚJO, Denise Castilhos; LEORATTO, Daniele. Alterações da silhueta feminina: a influência da moda. *Revista Brasileira de Ciências e Esporte*, Florianópolis, v. 35, n. 3, p. 717-739, jul./set, 2013.

BARROS, Manoel de. *Meu quintal é maior do que o mundo*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

BRANDÃO, Junito de Souza. *Mitologia Grega*: vol. 3. Rio de Janeiro: Vozes, 2015.

BRETON, David Le. *Adeus ao corpo*: antropologia e sociedade. Campinas: Papirus, 2003.

BUTLER, Judith. *Corpos em aliança e a política das ruas*: notas para uma teoria performativa de assembleia. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira, 2018.

BUTLER, Judith. *Corpos que importam*: os limites discursivos do sexo. São Paulo: n-1 edições, 2020.

CASTRO, Pedro Henrique; GARCIA Rafael Marques; PEREIRA Erik Barbosa. O voleibol e a participação de atletas trans: outro ponto de vista. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 32, n. 61, p. 01-22, jan./mar. 2020.

CARVALHO, Vânia Carneiro. Cultura material, espaço doméstico e musealização. *Varia História*. Belo Horizonte, v. 27, n. 46, p. 443-469, jul./dez. 2011.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. *Mil Platôs*: vol. 5. São Paulo: Editora 34, 2008.

GOELLNER, Silvana Vilodre. Mulher e esporte no Brasil: entre incentivos e interdições elas fazem história. *Pensar a Prática*, v. 8, n. 1, p. 85-100, jan./jul. 2005.

IPEA. *Atlas da Violência*. Disponível em https://www.ipea.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=34784 Acesso em: 15 maio 2022.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A invenção da "ideologia de gênero": a emergência de um cenário político e discursivo e a elaboração de uma retórica reacionária antigênero. *Psicologia Política*, v. 18, n. 43, p. 449-502, set./dez. 2018.

KAZ, Leonel. *O que o museu tem a ver com a educação?* Disponível em: <http://goo.gl/0y1Tc3> Acesso em: 18 maio 2022.

MOURA, Giovanna Xavier; STAREPRAV, Fernando Augusto; ROJO, Jeferson Roberto; TEIXEIRA, Dourivaldo; SILVA, Marcelo Moraes. Mulher e esporte: o preconceito com as atletas de Rugby da cidade de Maringá-PR. *Motrivivência*, Florianópolis, v. 29, n. 50, maio, 2017.

PARAÍSO, Marlucy Alves; CALDEIRA, Maria Carolina. *Pesquisas sobre currículos*,

gêneros e sexualidade. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2018.

PARAÍSO, Marlucey Alves. *Uma vida de professora que forma professores/as e trabalha para o alargamento do possível no currículo*. Curitiba: Brazil Publishing, 2019.

PRECIADO, Paul Beatriz. *¿Quién defiende al niñx queer?* Barcelona: Macba, 2013.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Testo Junkie: sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Um apartamento em Urano: crônicas da travessia*. São Paulo: n-1 edições, 2020.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, v. 20, n. 2. 1995.

SOUZA, Magner Miranda. *O slogan ideologia de gênero: uma abordagem crítico discursiva no campo das políticas públicas de intervenção psicossocial e análise dos processos de subjetivação na educação*. 2018. Dissertação (Mestrado Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

TADEU, Tomaz. A arte do encontro e da composição: Spinoza + Currículo + Deleuze. *Educação e Realidade*, v. 27, n. 2, p. 47-57, jul./dez. 2002.

VIGARELLO, Georges. Estádios: o espetáculo esportivo das arquibancadas às telas. In: CORBIN, Alain; COURTINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs.). *História do corpo*: vol. 3: As mutações do olhar no século XX. Rio de Janeiro: Vozes, 2008. p. 445 - 488.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Estudos Feministas*, Florianópolis, n. 2, p. 460-482, jul./dez. 2001.